

PLANTAS MEDICINAIS USADAS PELA COMUNIDADE KALUNGA DO QUILOMBO DO ENGENHO DE DENTRO EM CAVALCANTE – GO PARA TRATAMENTO DE AFECÇÕES BUCAIS

OLIVEIRA, Eklesio Otoni de Souza¹
COLLIER, K.F.S²
MOTA, Geraldo Magella Flores da³
ELY, Bibiana Peres³
PEREIRA, Fábio Rodrigues³

¹ Aluno do Curso de Odontologia – Centro Universitário UnirG, Gurupi – TO

² Professora Titular do Curso de Odontologia – Centro Universitário UnirG, Gurupi – TO

³ Aluno do Curso de Medicina – Centro Universitário UnirG, Gurupi – TO

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar quais plantas são utilizadas pelos quilombolas do Engenho de Dentro, em Cavalcante - Goiás, para tratamento de afecções bucais, bem como fazer um registro das tradições medicinais populares. A investigação foi realizada por meio de um questionário com 11 perguntas objetivas, e os resultados analisados através de estatística descritiva. Foram entrevistados 20 moradores com mais de 60 anos (12 homens e oito mulheres) que se dispuseram, após a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido, a responder ao questionário. Foram citadas 38 espécies utilizadas para dor dente, afta, ulcerações, infecções, sapinho, inflamação, edema e como anestésico local. Foi mencionado o uso de toda a planta, desde a flor à raiz, no entanto, as partes mais empregadas são as folhas, as raízes e a entrecasca, citadas 15, 8 e 7 vezes respectivamente. As quatro espécies mais lembradas foram o algodoeiro (11,36%), a azedinha (9,09%), o carrapicho (7,97%) e a batata doce (6,82%), com a afirmação dos moradores de que o tratamento é sempre efetivo. Observa-se, assim, a importância da manutenção da biodiversidade do cerrado brasileiro, tanto para os que dependem diretamente dessas plantas, a exemplo a comunidade Kalunga, quanto para a obtenção de novos fármacos, tornando relevante essa pesquisa por catalogar espécies vegetais que devem ser preservadas e multiplicadas.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Comunidade Kalunga. Doenças bucais. Cerrado.

ABSTRACT

This study aimed to investigate which plants are used by the people called quilombolas, living at the Kalunga community in Engenho de Dentro at the city of Cavalcante, state of Goiás, used for treatment of oral diseases, as well as a record of the folk medicinal preventing them disappear. The research was conducted through a questionnaire with 11 objective questions, and answers of the interviews analyzed using descriptive statistics. Defined in advance just ask residents over 60 years believing that because they are older have more information to be made. In any inquiry, 20 of them, 12 men and eight women, were willing to freely answer the questionnaire. Were cited 38 species used for tooth pain, sore, ulcers, infections, vesicle, inflammation, swelling and local anesthetic. For treatment they use throughout the plant, from flower to the root, however, those most used for treatment are leaves, roots and bark, cited 15, eight and seven times respectively. The four species most frequently mentioned were the *Gossypium spp.* (11.36%), the *Oxalis acetosella Linnaeus* (9.09%), the *Bidens cynapiifolia HBK.* (7.97%) and *Ipomoea batatas Poir* (6.82%). The residents argue that the treatment is always effective, thus we see the importance of maintaining the biodiversity of the Brazilian Cerrado for the direct dependents of these plants, like the Kalunga community, and to obtain new drugs, so that research becomes of great value to catalog species that should be preserved and multiplied.

Keywords: Medicinal plants. Community Kalunga. Oral disease. Brazilian Savanna.

INTRODUÇÃO

Por volta de 1722 a 1820, negros africanos foram trazidos como mão de obra escrava para trabalhar nas “minas dos Goyazes” no norte Goiano. Esses escravos, ao fugir, rumavam em direção às serras de difícil acesso em busca de abrigo formando, há mais de 300 anos, a comunidade Kalunga (CÂNTIA; BOLONI, 2004) em terras doadas, compradas ou herdadas de índios. Convivendo em meio a uma grande diversidade biológica os Kalunga desenvolveram, por questão de sobrevivência, a habilidade de usar as plantas do cerrado como importante fonte de cura de doenças e manutenção da saúde.

Apresentando matas nativas preservadas, como as pertencentes aos Kalunga, o cerrado é um dos maiores biomas do Brasil e onde podem ser encontradas mais de 6.000 plantas vasculares (MENDONÇA et al., 1998), muitas delas com valor alimentício e medicinal (ALMEIDA et al., 1998), porém há ainda uma grande carência de pesquisas e projetos voltados tanto para sua preservação, quanto para a identificação de plantas úteis (GUARIN NETO; MORAIS, 2003). Esse cenário traz à tona a necessidade de se destinar maior atenção aos estudos sobre a biodiversidade brasileira para que não se percam conhecimentos somados e acumulados há séculos e hoje ainda presentes entre as comunidades que vivem isoladas no sertão brasileiro, como os quilombolas.

Com base no exposto, o objetivo desse trabalho foi catalogar o conhecimento dessa população do sertão goiano em plantas medicinais utilizadas para o tratamento de afecções bucais, o que descortina a possibilidade de desenvolvimento de novos medicamentos para o combate dessas doenças. Acrescente-se, ainda, o resgate de tradições populares que impede que esses saberes caiam no esquecimento.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada em uma comunidade quilombola situada entre os limites territoriais dos Estados de Goiás e Tocantins, em uma microrregião da Chapada dos Veadeiros a 33 km da sede do município de Cavalcante – GO, após ter sido aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UnirG.

Como critérios de inclusão para participar da pesquisa exigiu-se dos sujeitos que residissem no quilombo e apresentassem idade maior ou igual a 60 anos, sem distinção de sexo.

Existem na comunidade, segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde de Cavalcante, 41 moradores idosos, sendo que 20 deles consentiram em participar da pesquisa (12 homens e 8 mulheres). Para tanto, os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e responderam a uma entrevista estruturada com 11 perguntas objetivas sobre o uso e manipulação de plantas medicinais para fins terapêuticos em afecções bucais. O roteiro da entrevista foi proposto por Albuquerque; Hanazaki (2006) adaptado de Berlin; Berlin (2005). O questionário foi aplicado em outubro de 2009 e as respostas foram analisadas através de estatística descritiva com apresentação de dados percentuais de frequência expostos em gráficos e tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos moradores entrevistados, 50% tinham entre 60-69 anos, 45% entre 70-79 anos e 5% acima de 80 anos. Constatou-se que dentre os entrevistados 16 são

analfabetos (80%) e 4 (20%) foram considerados analfabetos funcionais – de acordo com Soares (2004), um indivíduo é considerado analfabeto funcional quando consegue ler e/ou escrever textos curtos e possuir menos de quatro anos de escolaridade. Essa baixa escolaridade foi registrada por Borba e Macêdo (2006) que constataram em pesquisa um alto número de analfabetos em indivíduos que detêm conhecimentos sobre plantas medicinais.

Em relação às indicações para o uso de plantas medicinais para afecções odontológicas pelos indivíduos entrevistados, a dor de dente foi a afecção mais citada (63,15%), sendo que a maioria das plantas utilizadas para esse fim tem como objetivo amenizar ou extinguir o quadro doloroso. Foram citadas também plantas para o tratamento de aftas e ulcerações (14%), processos infecciosos (12,3%), e para sapinho, inflamação, edema e como anestésico local (10,55%) (Figura 1). Os entrevistados declararam que as espécies indicadas por eles “jamais falham”, sendo, segundo eles, seu tratamento eficaz no que diz respeito aos objetivos propostos.

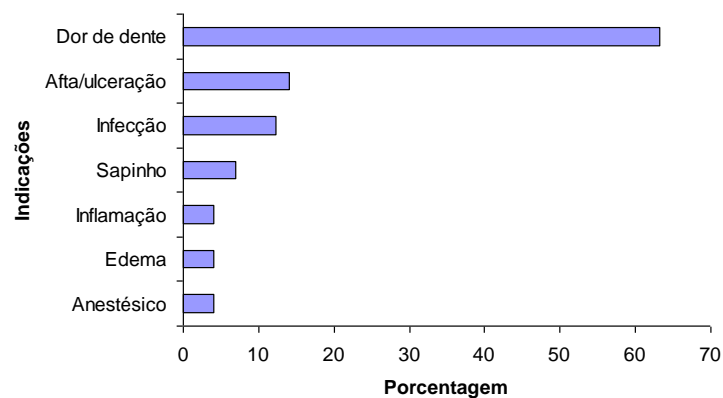


Figura 1 – Indicações do uso de plantas medicinais citadas pelos idosos entrevistados do quilombo do Engenho de Dentro em Cavalcante – GO (%) para o tratamento de afecções bucais.

Para Sampaio (2008), o uso de plantas medicinais na odontologia é uma prática usual, porém o mesmo é feito por pacientes sem indicação de um profissional da saúde. Santos et al. (2009) em um estudo etnobotânico em João Pessoa – PB constataram que apenas um usuário de plantas medicinais mencionou seu uso recomendado por um cirurgião dentista.

Dentre as partes ou órgãos das plantas utilizados pelos quilombolas para preparo de chás, insumos, decocção, dentre outros, a mais citada foi a folha com 15 citações, seguida da raiz, com oito, e da entrecasca com sete, além do uso de toda a planta, do fruto, semente, flor e leite do caule (Figura 2).

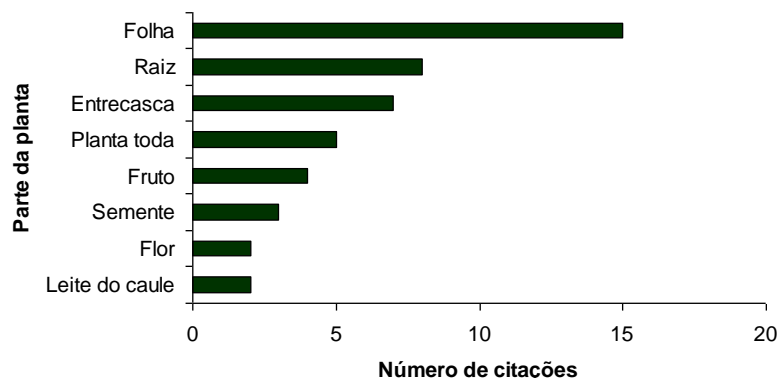


Figura 2 – Partes utilizadas das plantas medicinais citadas pelos idosos entrevistados do quilombo do Engenho de Dentro em Cavalcante – GO (número de citações) para o tratamento de afecções bucais.

Esses dados são condizentes com os obtidos por Borba e Macêdo (2006) que relataram serem as folhas as partes das plantas mais usadas para a saúde bucal de uma comunidade do Mato Grosso. Coelho et al. (2005) fizeram a mesma constatação na comunidade do Jalapão – TO, no entanto, com uso representativo da entrecasca, e não foi registrado o uso das raízes como matéria prima medicamentosa. Em uma comunidade baiana, Santana et al. (2008) também constataram o maior uso de folhas para a preparação de remédios fitoterápicos, sendo que a entrecasca não foi citada mesmo após relato de utilização de espécies arbóreas. Oliveira et al. (2007) em uma ampla revisão de literatura sobre plantas medicinais usadas na odontologia também apresentam dados relevantes sobre o uso de folhas, mas mencionam também o emprego da entrecasca, da casca, da raiz, da flor, do fruto e do óleo.

Os quilombolas citaram 38 plantas (Tabela 1) utilizadas para afecções bucais, higiene oral e prevenção da saúde, sendo as plantas mais citadas o algodoeiro, a azedinha, o carrapicho, a batata-doce, a canela d'ema, a capa-rosa, o pacarí e o pinhão-roxo, tendo as mesmas pelo menos quatro citações (Figura 3). Oliveira et al. (2007) também registraram em pesquisa que é grande o número de espécies recomendadas (132 espécies), seja pela ciência ou pelo conhecimento popular.

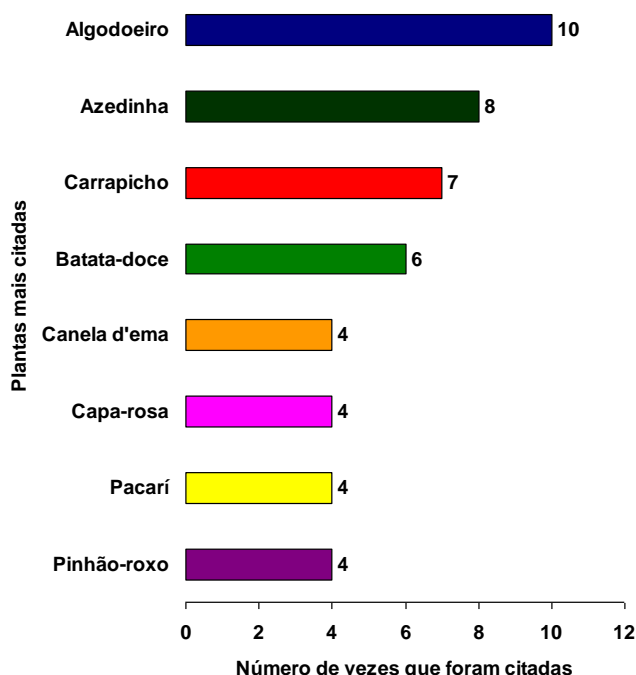


Figura 3 – Plantas mais citadas pelos idosos entrevistados do quilombo do Engenho de Dentro II em Cavalcante –GO (número de citações) para o tratamento de afecções bucais.

Outras plantas foram citadas pelos quilombolas entrevistados, dentre as nativas brasileiras destacam-se a Amilona, o Assa-peixe, o Angico, o Araçá, a Aroeirinha, a Barrigudinha, o Cajueiro, o Capim de burro, a Goiabeira, a Limeira, a Lobeira, o Lubim, o Meloso, o Mentrasto, o Pau-terra, a Pindóba, a Quininha e o Quitoco. As plantas citadas como Jararaquinha, Bodinho e Tiú não foram identificadas, pois não havia amostras das mesmas na época da pesquisa (Tabela 1).

Tabela 1. Espécies medicinais indicadas pelos idosos entrevistados do quilombo do Engenho de Dentro II em Cavalcante – GO, para o tratamento de afecções bucais.

Nome vulgar	Nome científico	Família	Indicação	Parte usada*	Forma de uso	N**
Algodoeiro arbóreo	<i>Gossypium spp.</i>	Malvaceae	Sapinho/ infecção/dor de dente	Folha/ semente	Beber/gargarejo/ fumar(semente)/ direto no local	10
Assa-peixe	<i>Vernonia ferruginea Less.</i>	Asteraceae	Dor de dente	Folha	Beber/gargarejo	4
Amilona			Dor de dente	Raiz	Fumar	4
Angico	<i>Parapiptadenia rigida (Benth.) Brenan</i>	Leguminosae	Afta/dor de dente/ferida	Raiz/ entrecasca	Beber/gargarejo	2
Araçá	<i>Psidium littorale Raddi</i>	Myrtaceae	Dor de dente/ferida/afta	Entrecasca	Gargarejo	2
Aroeirinha	<i>Schinus molle L.</i>	Anacardiaceae	Dor de dente/afta/ferida	Folha	Beber	4
Arruda	<i>Ruta graveolens Linne</i>	Rutaceae	Dor de dente	Folha	Gargarejo	4
Azedinha	<i>Oxalis acetosella Linnaeus</i>	Oxalidaceae	Sapinho/afta/dor de dente	Folha	Gargarejo/ mastigar	8
Barrigudinha	<i>Cavanillesia arborea</i>	Malvaceae	Dor de dente	Folha	Gargarejo/beber	4
Batata doce	<i>Ipomoea batatas Poir</i>	Convolvulaceae	Dor de dente/infecção	Folha	Gargarejo/direto no local	6
Bodinho	Não identificada		Dor de dente	Semente	Beber	4
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale Linne</i>	Anacardiaceae	Dor de dente/ferida/afta	Entrecasca	Gargarejo	2
Canela D'ema	<i>Vellozia squamata Pohl.</i>	Velloziaceae	Dor de dente	Folha	Gargarejo	4
Caparosa	<i>Cestrum corymbosum Schlecht</i>	Solanaceae	Dor de dente	Folha	Gargarejo	4
Capim de Burro	<i>Eleusine indica</i>	Gramineae	Dor de dente	Planta toda	Gargarejo	4
Carrapicho	<i>Bidens cynapifolia HBK.</i>	Asteraceae	Dor de dente/infecção/ Gengivite	Planta toda	Gargarejo/beber	7
Coentro	<i>Coriandrum sativum L.</i>	Apiaceae	Dor de dente	Semente	Fumar/gargarejo	4
Gengibre	<i>Zingiber officinale Roxburgh</i>	Zingiberaceae	Dor de dente	Folha/raiz	Gargarejo/beber	4
Goiabeira	<i>Psidium guayaba L.</i>	Mirtaceae	Sapinho/ dor de dente	Entrecasca	Gargarejo	3
Hortelã	<i>Mentha spicata Linne</i>	Lamiaceae	Dor de dente	Planta toda	Gargarejo/beber	4
Jararaquinha	Não identificada		Dor de dente/anestesia	Raiz (batata)	Direto no local	4
Jiló	<i>Solanum gilo Raddi.</i>	Solanaceae	Dor de dente	Fruto (casca seca)	Fumar	4
Limeira	Não identificada		Dor de dente	Entrecasca	Gargarejo/beber	2
Lobeira	<i>Solanum lycocarpum Saint Hilaire</i>	Solanaceae	Dor de dente	Flor	Beber	4
Lubim	Não identificada		Dor de dente	Fruto	Gargarejo	4
Mangueira	<i>Mangifera indica L. vel aff.</i>	Anacardiaceae	Dor de dente/infecção	Broto	Gargarejo	4
Manjericão	<i>Ocimum basilicum Linne</i>	Lamiaceae	Dor de dente	Planta toda	Gargarejo	3
Meloso	<i>Gamochaeta spicata (Lam.) Cabrera</i>	Compositae	Dor de dente/infecção	Raiz	Gargarejo	4
Mentrasito	<i>Ageratum conyzoides L.</i>	Asteraceae	Dor de dente/ferida/afta	Folha	Gargarejo/beber	4

	<i>Sieber</i>					
Pacari	<i>Lafoensia pacari</i> A.St.Hil.	Lythraceae	Dor de dente	Folha/entrecasca	Gargarejo/beber	4
Pau-terra	<i>Qualea cordata</i> Sprengel		Dor de dente/infecção	Entrecasca	Gargarejo	2
Pindóba	<i>Attalea compta</i> Mart.	Palmae	Dor de dente/infecção/edema	Folha/fruto	Direto no local	1
Pinhão roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	Dor de dente	Fruto	Direto no local	1
Poejo	<i>Cunila microcephala</i> Benth.	Labiatae	Dor de dente/ferida/afta	Leite do caule	Direto no local	4
Quininha	<i>Strychnos</i> sp.	Loganiaceae	Dor de dente	Planta toda	Gargarejo/beber	1
Quitoco	<i>Pluchea laxiflora</i> Hook. et Arn. ex Baker	Compositae	Dor de dente	Raiz	Fumar	1
Ruibarbo	<i>Rheum tanguticum</i>	Polygonaceae	Dor de dente/ferida/afta	Folha	Gargarejo/beber	2
Tiú	Não identificada		Dor de dente	Raiz	Beber/fumar	2

* Entrecasca do caule da planta

** Número de vezes que a planta foi citada pelos entrevistados

Nas pesquisas de Resende e Cocco (2002); Guarin Neto e Moraes (2003); Souza e Felfili (2006); Pinto, Amoroso e Furlan (2006) e Brasileiro et al. (2008) observa-se o uso de plantas medicinais nativas e exóticas, com predominância de plantas exóticas demonstrando a influência européia sobre o saber popular. E em uma revisão de literatura sobre plantas medicinais usadas na Odontologia Oliveira et al. (2007) mencionam apenas plantas exóticas (*Punica granatum* L., *Althaea officinalis* L., *Salvia officinalis* L., *Calendula officinalis*; L., *Malva sylvestris* L e *Plantago major* L.).

Nesta pesquisa (Tabela 1) predominam as plantas da flora brasileira (55%), provavelmente pelo fato da população ter ficado isolada na Chapada dos Veadeiros durante pelo menos dois séculos. Dentre essas plantas destaca-se o algodoeiro arbóreo (*Gossypium* spp.) que foi citado por dez dos vinte entrevistados, sendo que foi indicado para dor de dente, processo infeccioso e inflamatório e sapinho. Seu uso se dá na forma de chá (decoção), insumo (folhas) e queimado em cachimbo (semente em forma de pó) (Figuras 2 e 3; Tabela 1).

Em uma pesquisa realizada por Medeiros, Fonseca e Andreatta (2004) com sítiantes de uma reserva em Mangaratiba/RJ, sobre a utilização de plantas medicinais, o algodoeiro também foi encontrado, tendo como indicação para processos inflamatórios, e seu uso foi indicado na forma de decoção assim como encontrado nesta pesquisa. O uso do algodoeiro também foi observado em pesquisas realizadas por Franco e Barros (2006) e Borba e Macedo (2006) indicado para processos inflamatórios na forma de chá e por Nogueira (1979) para feridas externas para reduzir processo inflamatório também na forma de chá. Em uma pesquisa com 2454 usuários do sistema de Saúde Pública em Governador Valadares – MG, Brasileiro et al. (2008) constataram que 636 pessoas usavam as folhas desta plantas na forma de chá ou infusão para lesões, infecções e inflamações.

A azedinha, também conhecida como trevinho do campo (*Oxalis acetosella* Linnaeus), foi citada por oito entrevistados, tendo como indicação de uso a dor de dente, a afta e o sapinho. Seu uso foi indicado na forma de chá ou até mesmo mastigação sendo que a parte utilizada da planta é a folha (Figura 3; Tabela 1). O mesmo achado foi exposto por Rodrigues e Carvalho (2001) que em sua pesquisa observaram o uso da azedinha para afecções do aparelho bucal e como antiinflamatório, usada em forma de gargarejo. A azedinha também é citada como planta utilizada em afecções odontológicas por Oliveira et al. (2007), porém os mesmos não fazem referência específica para qual afecção a planta é indicada.

O carrapicho (*Bidens cynapiifolia*) foi citado por 7 (sete) indivíduos e indicado para dor de dente, processo infeccioso e inflamatório, sendo utilizado na forma de chá tanto para ingestão quanto para gargarejo, sendo também usada a planta inteira (folhas, caule, raiz e espinhos) para a elaboração da decocção (Figuras 2 e 3; Tabela 1). Em Coelho et al. (2005) o carrapicho foi indicado pela comunidade de Mumbuca no Jalapão – TO como antibiótico, corroborando com a atual pesquisa em que também houve indicação para processos infecciosos.

A batata-doce (*Ipomoea batatas Poir*) foi indicada para dor de dente e processo infeccioso por seis indivíduos entrevistados, sendo o chá, apenas da folha, a forma de uso para gargarejo e insumo para aplicação direta no local (Figuras 2 e 3; Tabela 1). Estes dados estão de acordo com os resultados de pesquisa obtidos por Nogueira (1979) e Borba e Macêdo (2006).

A canela d'ema (*Vellozia spp.*), a capa-rosa (*Cestrum spp.*) e o pacarí (*Lafoensia pacarí*) foram citados, cada uma, por quatro entrevistados, sendo indicadas as folhas para dor de dente, usadas na forma de chá, além do uso da entrecasca do pacarí para gargarejo e ingestão (Figuras 2 e 3; Tabela 1). A canela d'ema foi mencionada por Souza e Felfili (2003) pelo seu uso como antiinflamatório e anti-reumático por comunidades em Alto Paraíso de Goiás – GO, cidade a 70 km de Cavalcante. Guarin-Neto e Morais (2003) também mencionam o uso desta planta no cerrado de Mato Grosso. Estes dados demonstram a importância dessa planta como fitoterápico para as comunidades tradicionais do cerrado. As plantas da família Velloziaceae, à qual pertence a canela d'ema, são endêmicas do cerrado, portanto nos demais levantamentos etnobotânicos consultados elas não foram citadas. Este conhecimento, portanto, está restrito à população tradicional deste bioma.

Na literatura consultada não foi encontrado o uso da capa-rosa para fins medicinais, contudo, Bandarra et al. (2008) mencionam uma planta do mesmo gênero (*Cestrum intermedium*) que ocorre na região sul do Brasil e que foi responsável pela morte de 17 bovinos com sinais clínicos e lesões de insuficiência hepática aguda no Rio Grande do Sul. Os autores autopsiaram os bovinos e observaram que o fígado apresentava necrose de coagulação centrolobular difusa, aguda e acentuada. O trabalho desses autores não exclui a possibilidade do uso fitoterápico desta planta, pois se sabe que os princípios ativos com atividade farmacológica são resultantes do metabolismo secundário das plantas. O gasto energético destas, com a produção de metabólitos secundários, que parecem não ser essenciais às mesmas, deve-se em parte às defesas químicas desenvolvidas contra seus predadores e parasitas. Alves (2001, p. 1) explica a produção desses metabólitos citando diversas situações de “estresses bióticos e abióticos às quais as plantas são submetidas, gerando novas rotas biossintéticas a partir de metabólitos primários, desencadeando a produção de substâncias químicas com grande variabilidade estrutural”. Ainda discorrendo sobre toxicidade, Turolla e Nascimento (2006) alertam para o fato de pouco se saber sobre este aspecto nas plantas medicinais.

Galdino et al. (2009) estudando o efeito do extrato etanólico da casca do caule do pacarí sobre a dor e a inflamação em ratos demonstraram que os princípios ativos presentes nesta parte da planta têm atividade analgésica. Segundo os pesquisadores esta atividade envolve mecanismos capazes de reduzir a dor neurogênica e a atividade antiinflamatória e pode explicar sua ação analgésica na dor inflamatória, justificando em parte a utilização popular da planta. Menezes et al. (2006) demonstraram a atividade antioxidante desta planta e Rogério et al. (2006) estudaram o seu efeito antipirético.

Para Vila Verde, Paula e Carneiro (2003) o pacarí é indicado para acelerar o processo cicatricial e não como o encontrado na atual pesquisa que foi para dor de dente (Figuras 2 e 3; Tabela 1).

O pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) também foi citado por quatro dos vinte entrevistados, sendo indicado tanto para dor de dente quanto para aftas aplicando-se o “leite” do caule diretamente no local afetado (Figuras 2 e 3; Tabela 1). Nogueira (1979) indica o pinhão-roxo para dor de dente, porém a parte utilizada da planta foi o fruto na forma de chá para bochecho. Servin et al. (2006) analisaram a ação do pinhão-roxo na cicatrização de anastomose colônica em ratos e mencionaram ainda o uso desta planta na medicina popular para diferentes fins terapêuticos, como reumatismo, úlceras, hidropsias, hipertensão, cicatrização de feridas e purgativo. Biondo-Simões et al. (2000) citados por Servin et al. (2006) explicam que o diterpeno macrocíclico Jatrophone, isolado da raiz desta planta foi identificado como um inibidor do crescimento tumoral. Estes resultados sugerem que existe efeito benéfico do pinhão-roxo no processo inicial de cicatrização, contudo, isto não se mantém em período mais longo de observação, dificultando a interpretação do benefício efetivo da planta.

Os entrevistados ressaltaram que o uso da maioria das plantas indicadas requer cuidados restritivos, pois as caracterizaram como plantas “finas”, cujo uso os impede de pegar “friagem”, tomar água gelada, tomar banho em água fria e sair no sereno, e ainda muitos indicaram o uso de uma proteção na região cervical (um pano para enrolar no pescoço).

As plantas encontradas na atual pesquisa, citadas pela população entrevistada, não estão citadas na relação de plantas medicinais de interesse do SUS.

CONCLUSÕES

Ao analisar os dados obtidos foi possível concluir que as plantas medicinais são recomendadas principalmente para dor de dente (63,15%), aftas e ulcerações (14%) e processos infecciosos (12,3%). As partes ou órgãos mais utilizados das plantas foram as folhas, as raízes e a entrecasca e são usadas na forma de chás, aplicação direta de emplastro, fumo e gargarejo. Foi registrado o uso, pela comunidade, de 38 plantas para afecções odontológicas, e as espécies mais citadas foram o algodoeiro, a azedinha, o carrapicho, a batata-doce, a canela d’ema, a capa-rosa, o pacarí e o pinhão-roxo, tendo as mesmas pelo menos quatro citações.

Outro aspecto relevante é que há predominância de espécies nativas brasileiras e/ou endêmicas do cerrado.

Ressalta-se que o uso da capa-rosa pelos quilombolas requer atenção, pois uma planta do mesmo gênero na região sul do Brasil é altamente tóxica para bovinos e que as demais plantas também precisam de maiores estudos, pois não estão citadas na relação de plantas medicinais de interesse do SUS.

Recomenda-se, portanto que sejam aprofundados os estudos farmacológicos e toxicológicos de algumas plantas citadas nesta pesquisa, especialmente as espécies endêmicas do cerrado. Justifica-se esta recomendação pela pressão do desmatamento sobre a região e a erosão do saber popular em função da urbanização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U.P.; HANZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.16, Supl., p. 678-689, dez. 2006

ALMEIDA, S.P.; PROENÇA, C.E.B.; SANO, S.M. J.F. RIBEIRO **Cerrado**: espécies vegetais úteis. Planaltina: EMBRAPA-CPAC. 8.

ALVES, H. M. A diversidade química das plantas como fonte de fitofármacos. **Cadernos Temáticos de Química Nova na Escola**, n. 3, p. 1-6, maio 2001.

BANDARRA, P.M.; BEZERRA JUNIOR, P.S.; CORRÊA, A.M.R.; PEDROSO, P.M.O.; RAYMUNDO, D.L.; DRIEMEIER, D. Intoxicação natural por *Cestrum intermedium* em bovinos no Rio Grande do Sul, Brasil. **Cienc. Rural**, v.39, n.1, jan./fev.2009.

BORBA, A. M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 20, n.4, p: 771-782, 2006.

BRASILEIRO, B.G.; PIZZIOLLO, V.R.; MATOS, D.S.; GERMANO, A.M.; JAMAL, C.M. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, n. 4, p. 629-636, out./dez., 2008

CÂNTIA, A.; BOLONI, L. **Kalunga** - um remanescente de quilombo no sertão de Goiás. 30 maio 2004 Disponível em: <<http://www.brasiloeste.com.br/noticia/1007/kalunga>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

COELHO, F.B.R.; DAL BELO, C. A.; LOLIS, S.F., SANTOS, M.G. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade Mumbuca Jalapão – TO: um estudo etnofarmacológico. **Revista Eletrônica de Farmácia**. v. 2, n.2, p. 52-55, 2005.

GALDINO, P.M.; NASCIMENTO, M.V.M.; SAMPAIO, B.L.; FERREIRA, R.N.; PAULA, J.R.; COSTA, E.A. Antidepressant-like effect of *Lafoensia pacari* A. St.-Hil. ethanolic extract and fractions in mice. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 124, n.3, p. 581-585, jul. 2009.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R.G. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Bot. Bras.**, v.17, n.4, p. 561-584. 2003.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V.S.; ANDREATTA, R.H.P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta bot. bras.**, v.18, n.2, p. 391-399, 2004.

MENDONÇA, R. et al. Flora vascular do Cerrado. In: SANO, S.; ALMEIDA, S. (Eds.). **Cerrado**: ambiente e flora. Planaltina: EMBRAPA-CPAC. p. 287-556, 1998.

MENEZES, M.V.; ATALLAH, A.N.; LAPA, A.J.; CATAPANI, W.R. Assessing the therapeutic use of *Lafoensia pacari* St. Hil. Extract (mangava brava) in the eradication of *Helicobacter pylori*: Doble-blind randomized clinical trial. **Helicobacter**, v. 11, p. 188-195, 2006.

NEWMAN, M.G. **Periodontia clínica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

NOGUEIRA, A.J. **Medicina Popular**. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. Projeto de Digitalização do Acervo da Divisão de Folclore. Brasília: Departamento de Apoio a Projetos de Preservação Cultural, 1979.

OLIVEIRA, F.Q.; GOBIRA, B.; GUIMARÃES, C.; BATISTA, J.; BARRETO, M.; SOUZA, M. Espécies vegetais indicadas na odontologia. **Rev. Bras. Farmacogn.**, v. 17, n.3, jul./set. 2007.

PINTO, E.P.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta bot. bras.**, .v. 20, n. 4, p.751-762, 2006.

REZENDE, H.A., COCCO, M.I.M. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Rev Esc Enferm USP**, v. 36, n.3, p. 282-288, 2002.

RODRIGUES, V.E.G.; CARVALHO, D.A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do alto Rio Grande – Minas Gerais. **Ciênc. agrotec.**, v.25, n.1, p.102-123, jan./fev., 2001.

ROGÉRIO, A.P.; FONTANARI, C.; AMBRÓSIO, S.R.; De SOUSA, G.E.; FRANÇA, S.C.; Da COSTA, F.B.; ALBUQUERQUE, D.A.; FACCIOLI, L.H. Anti-inflammatory, analgesic and anti-oedematous effects of *Lafoensia pacari* extract and ellagic acid. **Eur. J. Pharmacol.**, v. 58, n. 1265-1273, 2006.

SAMPAIO, Fabio. **Especialista aponta os benefícios da fitoterapia**. 2008. Associação Brasileira de Odontologia, Seção Pará. Disponível em: <<http://www.abopa.org.br/noticias.asp?id=62>> . Acesso em: 19 nov. 2009.

SANTANA, D. L., et al. Plantas com propriedades terapêuticas utilizadas na comunidade de Campos, Amélia Rodrigues, Bahia, Brasil. **Magistra**, Cruz das Almas-BA, v. 20, n. 3, p. 218-230, jul./set. 2008.

SANTOS, E.B.; DANTAS, G.S.; SANTOS, H.B.; DINIZ, M.F.F.M.; SAMPAIO, F.C. Estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa, Brasil, **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.19, n. 1b, p. 321-324, jan./mar. 2009.

SERVIN, S. C. N. et al. Ação do extrato de *Jatropha gossypifolia* L. (pião roxo) na cicatrização de anastomose colônica: estudo experimental em ratos. **Acta Cir. Bras.** [online]., v. 21, suppl.3, pp. 89-96, 2006.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. n. 25, p. 05-07, jan. /fev. /mar. /abr. 2004.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J.M. A utilização de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás – GO, Brasil. **Acta Bot. Bras.**, v. 20, n. 1, p. 135-142, jan./mar. 2006.

TUROLLA, M.S.R.; NASCIMENTO, E.S. Informações toxicológicas de alguns fitoterápicos utilizados no Brasil, **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 42, n. 2, abr./jun. 2006.

VILA VERDE, G.M.; PAULA, J.R.; CANEIRO, D.M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). **Rev. Bras. Farmacogn.**, v. 13, p. 64-66, 2003.

Data de envio: 27.07.2010.

Data de aceite: 01.12.2010.

REVISTA CEREUS 

Av. Bahia, entre ruas 3 e 4, Telefone: 3612-7602.

<www.revistacereus.unirg.edu.br>. Cep: 77400-100. Gurupi-TO

CENTRO UNIVERSITÁRIO UnirG 

Av. Guanabara, 1842, Centro. Telefone: (63) 3612-7619.

<www.unirg.edu.br>. Cep: 77403-080. Gurupi-TO